

SENTIDOS DO HABITAR

Semioticista reflete sobre a transformação das telas em espelho

A exposição reiterada às câmeras durante a quarentena tem transformado a forma como lidamos com a nossa autoimagem

2 min de leitura

Por Clotilde Perez

31 Jul 2020 - 07h27 Atualizado em 31 Jul 2020 - 07h27



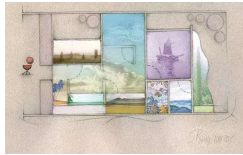
Com a pandemia, tudo passou a ocorrer diante das telas e nunca nos vimos tanto (Foto: Ilustração Anália Moraes / Editora Globo)



Foram muitas as mudanças durante esta **pandemia**, adaptações sem qualquer planejamento, adiamento e cancelamento de planos e rompimento de convívios. Uma das transformações importantes foi a exposição por horas às diferentes **telas**/câmeras pelos mais variados motivos, aulas dadas e assistidas, reuniões, apresentações, *lives*,

vídeo conferências e os diversos tipos de atividades sociais, estudo, trabalho, compras e lazer. Tudo passou a ocorrer diante das telas. Ver e ser visto e, principalmente, nos vemos. Nunca nos vimos tanto.

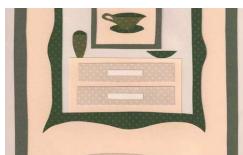
LEIA MAIS



Novo normal? Semioticista comenta sobre o que mudou com a pandemia

As telas viraram **espelhos** e essa função refletora vem adicionada da força da capacidade de deixar transparecer o que estiver diante dela, em detalhes. No caso, nós mesmos, o reflexo da nossa própria imagem. Revelação da realidade, que pode estar ou não alinhada com as nossas expectativas, trazendo consequências. A questão central é que a presença diante do espelho nunca foi prolongada como agora diante da tela/câmera/espelho, o que pode ter levado a surpresas boas e outras nem tanto.

A exposição reiterada traz a nossa atenção aos detalhes provavelmente nunca antes vistos, mais ou menos como aconteceu com a nossa casa. O **isolamento** em nossa residência nos fez enxergar necessidades de melhorias, reformas ou motivos para **decoração** e embelezamento, o que, na correria da vida pré-pandemia, não aconteceria porque jamais perceberíamos. Algo semelhante está se passando com nossa autoimagem na frente da tela. E o que o espelho reflete? O que temos de verdade, a sinceridade do que somos, o conteúdo do coração e da razão. Daí que, o espelho não reflete o fantasma, porque este carece de existência, assim como os vampiros. Daí que, o espelho mágico conta a verdade sobre a beleza de Branca de Neve, enfurecendo a bruxa má. Porque o espelho não mente, fala a verdade presente e aos que acreditam, também futura, como veículo de adivinhação.

LEIA MAIS

Uma reflexão sobre a moldura do marketing contemporâneo atual



Os sentidos positivos e negativos da repetição

O espelho é símbolo da sabedoria e do conhecimento, por isso as costumeiras associações com a verdade, assim como o espelho coberto de pó é signo daqueles que têm o espírito obscurecido pelo peso da ignorância. Mas, o espelho é, em síntese, um signo ambíguo. É um símbolo solar, porque o sol é um espelho que reflete a inteligência celeste, mas também é lunar porque a lua é um espelho que reflete a luz do sol. Reflete a realidade, mas também a inverte, mostrando seu duplo, deslocado. Outra ambiguidade é que o espelho é símbolo da harmonia e da serenidade, assim como o espelho partido é signo da separação e da maldição, incorrendo em muitos anos de azar.

Temos fascínio pelo espelho. Como nas histórias da nossa colonização, quando portugueses ofertavam espelhos aos nativos envolvendo-os na magia de suas próprias imagens, o que facilitava a pilhagem do ouro e das pedras preciosas. Por isso, o homem utilizou vários materiais como espelho ao longo da história. Usamos a superfície do bronze como espelho. Utilizamos a **água** como espelho, como no mito de Narciso,

mas também para interrogar os espíritos. Utilizamos a própria história como espelho, mirando-nos nela para aprendermos com o passado e projetarmos o futuro, quando isso era possível.



Clotilde Perez (Foto: Jennifer Koo/Divulgação)

Clotilde Perez (cloperez@terra.com.br) é semioticista, professora da USP e da PUC-SP, e fundadora da Casa Semio.